



COMO ERA ANTES?

**O PATRIMÔNIO
ARQUEOLÓGICO
PRÉ-COLONIAL DO
OESTE CATARINENSE**

**MIRIAN CARBONERA
CRISTIANE CECCHIN**

Projeto:
Comunicação do Patrimônio Arqueológico Pré-colonial do Oeste de Santa Catarina
Apoiado pelo Edital Prêmio Modernização de Museus – IBRAM/MinC – Edição 2012

Apoio:

Ministério da
Cultura



Realização:



Presidente: Vincenzo Francesco Mastrogiacomio



Reitor: Odilon Luiz Poli



Coordenação do Ceom: Mirian Carbonera

Núcleo de Estudos Etnológicos e Arqueológicos: Mirian Carbonera

Núcleo de Difusão Cultural e Educação Patrimonial: Cristiane Cecchin

Patrimônio, História, Comunidade: André Luiz Onghero

Centro de Documentação e Pesquisas: Ademir Miguel Salini

Biblioteca: Rafael Ranzan

Estagiários e bolsistas: Eliane Bacega, Franciele Kuczkovski, Joana Barros, Lisabete Senczkowski, Scheila Bolzan

Equipe técnica do projeto:

Coordenação: Mirian Carbonera

Pesquisa e texto: Mirian Carbonera e Cristiane Cecchin

Projeto: Denise Argenta

Colaboração: Vanessa Mendes, Cleonir Jackoski

Museólogo: Idemar Ghizzo

Desenhos: Marcos Bettú, Maurício Mohr, Gerson Witte e Joana Barros

Fotografias: Acervo do Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina – CEOM/Unochapeco

Revisão: Jakeline Mendes

Projeto Gráfico, diagramação e capa: Diego Moraes de Oliveira

Parceiros: Catavento Produção Cultural, Arqueoste, AK Cursos e Eventos

Agradecimento: Doutores Caroline Maluche Barreta e Daniel Loponte

Ficha Catalográfica elaborada pelo Bibliotecário Leandro Pinheiro – CRB-14/1340

C264c

Carbonera, Mirian

Como era antes: o patrimônio arqueológico pré-colonial do oeste catarinense / Mirian Carbonera, Cristiane Cecchin. - São José/SC, 2015

36p.

ISBN 978-85-63305-52-7

1. Arqueologia. 2. Patrimônio Arqueológico - Oeste Catarinense. I. Título. II. Cecchin, Cristiane.

CDU - 902(816.4)

Apresentação

Esta cartilha aborda aspectos de uma história anterior à chegada dos colonizadores europeus no Oeste do estado de Santa Catarina: o período pré-colonial. Nessa região, principalmente nas proximidades do rio Uruguai e seus afluentes, foram encontrados sítios arqueológicos pré-coloniais que demonstram a ocupação do território por grupos humanos desde pelo menos 8 mil anos antes do presente. As informações provêm das pesquisas arqueológicas que são realizadas desde a década de 1950, e em sua maioria foram publicadas em forma de artigos científicos ou relatórios.

O Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina (CEOM), mantido pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó (UNOCHAPECÓ), foi criado em 1986 com o objetivo de salvaguardar, preservar e comunicar a história e o patrimônio cultural do Oeste catarinense. Nesse contexto, a preservação e a valorização do patrimônio arqueológico sempre foram uma preocupação do Centro, pois além de salvaguardar acervos de diferentes suportes, o CEOM também realiza pesquisas em sítios arqueológicos para entender como ocorreu a ocupação humana no período pré-colonial da região.

Visando democratizar o acesso dessa história mais antiga à população regional, o Centro de Memória aprovou, junto ao Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM, vinculado ao Ministério da Cultura, no Edital Prêmio Modernização de Museus – 2012, o projeto “Comunicação do Patrimônio Arqueológico Pré-colonial do Oeste de Santa Catarina”. A partir dele foi montada uma exposição de longa duração chamada “Como era antes? O patrimônio arqueológico pré-colonial do Oeste catarinense”, da qual resulta esta publicação.

A preservação e o estudo dos vestígios arqueológicos são as únicas formas de entendermos os modos de vida dessas antigas sociedades. Trazemos aqui um pouco desse passado contado a partir dos objetos, e abordamos também a importância desses bens, alertando sobre como cada um de nós pode contribuir para a sua proteção e valorização.

Boa leitura!

CAPÍTULO 1

Os Primeiros povoadores

Boa parte do território que hoje corresponde ao Oeste de Santa Catarina só foi integrado a esse estado depois de 1916 com a resolução da Questão do Contestado, através de um acordo assinado pelos governadores de Santa Catarina e do Paraná, que colocou um ponto final nas disputas pelo território entre os dois estados.

A partir daquele momento, começam a se instalar na região, através das companhias colonizadoras e do apoio do governo do estado, famílias europeias ou de descendentes de europeus que viviam no Rio Grande do Sul. É bem sabido o que aconteceu depois: a formação de pequenos núcleos rurais, em seguida a formação de cidades, exploração da fauna e da flora, agricultura, comércio, indústria; enfim, um novo modo de viver e de explorar as riquezas naturais.

Mas o que existia antes? Desde quando essa terra era habitada? Quem e como seriam os primeiros habitantes do nosso país e da nossa região? De onde vieram? Como viviam e do que se alimentavam? Como recuperar esse passado distante?



Representação de caçadores-coletores em cena de caça a bisonte.
Desenho: Marcos Bettú, Gerson Witte e Joana Barros.

Isto é o que nós vamos descobrir neste capítulo. Para isso, é importante ter em mente que esse passado não é inteiramente nítido, já que os dados levantados sobre essas sociedades não são completos, mas estão em constante processo investigativo.

Grupos caçadores-coletores

Muito tempo antes da chegada dos colonizadores europeus na América, nos séculos XV e XVI, todo esse vasto território era ocupado por diferentes povos indígenas. O início do povoamento no território brasileiro faz parte do processo de ocupação do continente americano, que ocorreu há milhares de anos. Existem algumas hipóteses e muito debate entre os cientistas sobre quando estas populações teriam chegado ao continente.

A espécie humana surgiu na África e de lá se expandiu para a Europa e para a Ásia. A América foi o último continente a ser ocupado pelo Homo sapiens. A hipótese mais aceita atualmente afirma que os primeiros grupos humanos ocuparam o continente americano a partir de sucessivas levas migratórias desde a Ásia, passando pelo Estreito de Bering, durante a última era glacial. Nesse período, as geleiras teriam avançado nas regiões mais frias, e o nível do mar ficou 100 metros abaixo do atual. Além disto, os 90 km de mar que hoje separam a Sibéria do Alasca não existiam, permanecendo congelados entre 27.000 e 10.000 anos atrás.

As primeiras provas de que o homem havia chegado ao continente durante a “era do gelo” foram encontradas na América do Norte: costelas de um extinto bisão gigante associadas a uma ponta de flecha. O bisão foi um grande mamífero que existiu até o final da era do gelo. Essas pontas de projéteis antigas foram encontradas em muitos sítios e são relacionadas às culturas Folsom e Clóvis. Possuíam tamanho grande, pois destinavam-se à caça de grandes presas e foram datadas de aproximadamente 13.000 anos atrás. Sua distribuição geográfica chega até o Panamá.

VOCÊ SABIA?

A cultura Clóvis abrange um período aproximado de 13.000 até 10.000 anos atrás. Essas populações viviam cercadas por grandes animais (mamute, mastodonte, bisão etc.) e desenvolveram uma tecnologia eficaz de caça, especialmente de pontas e outros artefatos lascados, principalmente em sílex e obsidiana. Esse complexo cultural se estendeu por toda a América do Norte, desde o Canadá até o norte do México.

Já a cultura Folsom se estendeu de 11.000 até 10.000 anos atrás. Estes grupos ocuparam principalmente o centro da América do Norte, limitando-se ao centro, sul e sudoeste dos Estados Unidos. Também caçavam grandes animais. Alguns autores sugerem que nesta cultura houve uma melhoria na produção dos artefatos líticos, inclusive porque buscavam uma qualidade estética – um esforço consciente para produzir artefatos que representassem o grupo.

O avanço da pesquisa em diferentes pontos do continente americano aponta a existência de sítios ainda mais antigos que os das culturas Folsom e Clóvis. No Brasil, por exemplo, na Serra da Capivara – (estado do Piauí), são conhecidos muitos sítios antigos, com ferramentas datadas em mais de 20.000 anos. Embora a antiguidade dessa região seja motivo de muito debate entre os pesquisadores, somente novos estudos permitirão entender melhor o que aconteceu nesse momento da pré-história brasileira (BERNARDO, 2014).

No Sul do Brasil entre 11.500 e 10.000 anos atrás, aparece uma população de caçadores-coletores que produziam artefatos lascados, ganhando destaque as pontas de projétil tipo rabo de peixe. Os vestígios dessas populações que se preservaram são basicamente ferramentas de pedra lascada e em algumas regiões, como no Nordeste e Centro-Oeste brasileiro, são identificados também nas pinturas rupestres, ao passo que restos humanos raramente são encontrados.

Há aproximadamente 8.000 anos, o clima começou a ficar mais quente e se assemelhar ao que conhecemos hoje. A fauna e a flora foram se diversificando. As sociedades passaram a ter uma oferta maior de alimentos à sua disposição. Caça, pesca e coleta eram a principal fonte de alimentação. Os grupos eram nômades e deixaram seus vestígios em abrigos rochosos, nas margens dos rios, topos de morros e muitos outros lugares.

Os grupos que exploravam ambientes costeiros deixaram como principal vestígio os sambaquis, que são elevações arredondadas construídas basicamente com areia, conchas, restos de peixes e mamíferos. Os mais antigos têm em torno de 6.500 anos. No litoral de Santa Catarina, eles são comuns e muito pesquisados.



Ponta de flecha estilo rabo de peixe, encontrada as margens do rio Irani.
Acervo: Família Sivi

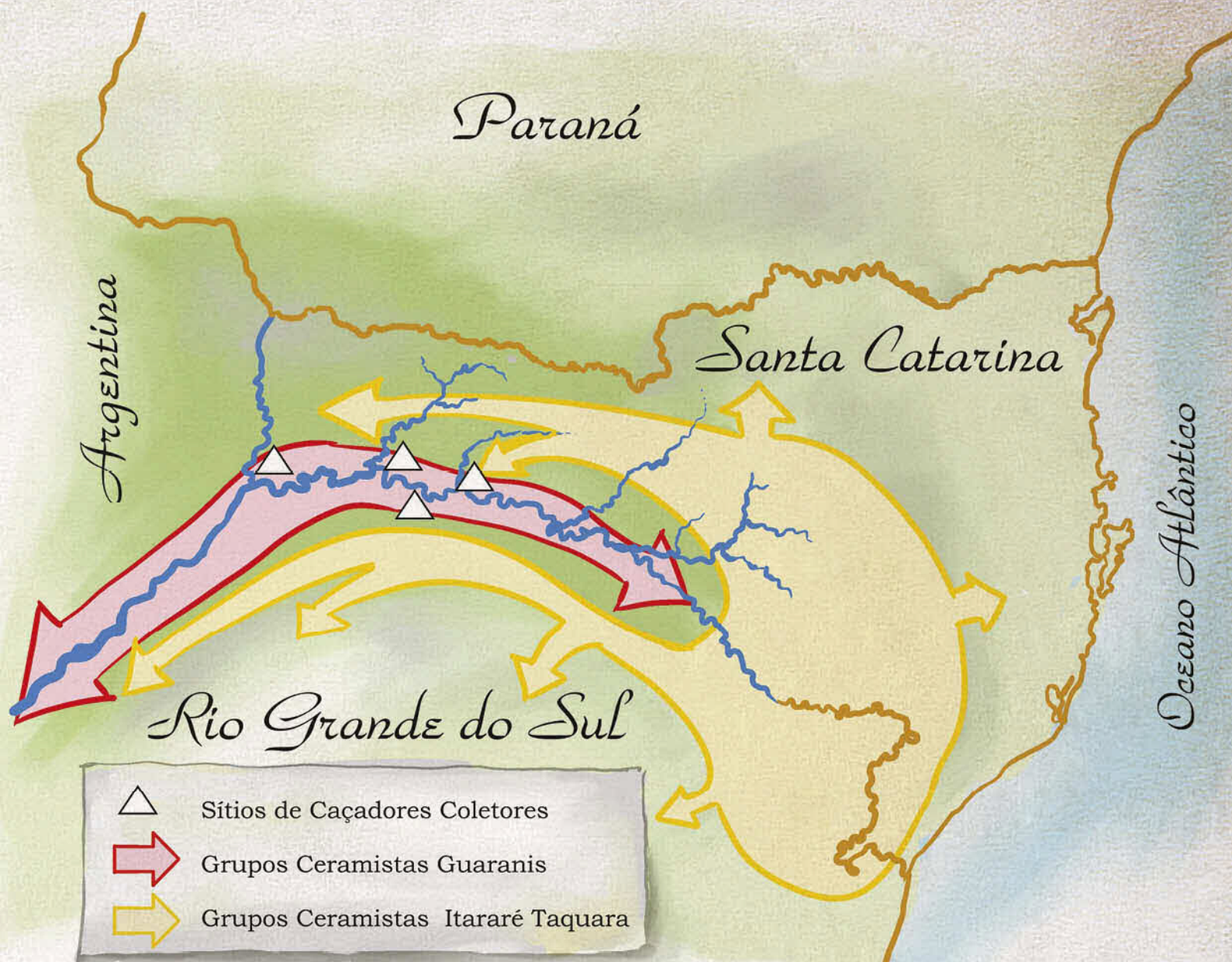
VAMOS PESQUISAR

Os sambaquis são encontrados em quase toda a costa brasileira. Realize uma pesquisa sobre os sambaquis encontrados no estado de Santa Catarina, procurando saber: onde estão localizados, se já foram objeto de estudos, que tipo de material é encontrado, que idade possuem, que medidas de gestão/preservação estão sendo realizadas.



Os caçadores-coletores no alto rio Uruguai

Entre 9.000 e 6.000 anos atrás, a região Oeste de Santa Catarina também foi ocupada por grupos de caçadores-coletores nômades, que viviam em busca de locais favoráveis à sua sobrevivência e alimentação. Vestígios de suas ocupações são encontrados, geralmente, em locais próximos ao rio Uruguai, ou ainda em vales e grutas, devido à facilidade no abastecimento de água e alimentos.



Mapa de localização das tradições pré-coloniais do Oeste catarinense.

Adaptado de Rogge (2004). Desenho: Marcos Bettú e Gerson Witte.

Destes grupos, os arqueólogos encontram basicamente ferramentas confeccionadas através do lascamento das pedras, técnica que possibilitava a produção de um variado arsenal de pontas de flecha, raspadores, furadores, lâminas e demais instrumentos destinados ao corte, raspagem do couro e da madeira, além de servirem para cavar a terra, entre outras atividades.

No Oeste de Santa Catarina, três municípios possuem sítios comprovadamente antigos: Itapiranga, Águas de Chapecó e Itá, todos localizados às margens do rio Uruguai. Estes sítios possuem datas entre 8.600 e 6.900 anos atrás. Muito provavelmente, outros locais da região também tenham vestígios tão antigos; no entanto ainda não foram pesquisados.

Datações mais antigas do Alto Uruguai

Itapiranga= 8.640 AP
(Rohr, 1973)

Águas de Chapecó=
6.900 a 8.300 AP
(Caldarelli et al., 2010)

Itá= 8.100 AP
(Carbonera, 2014)

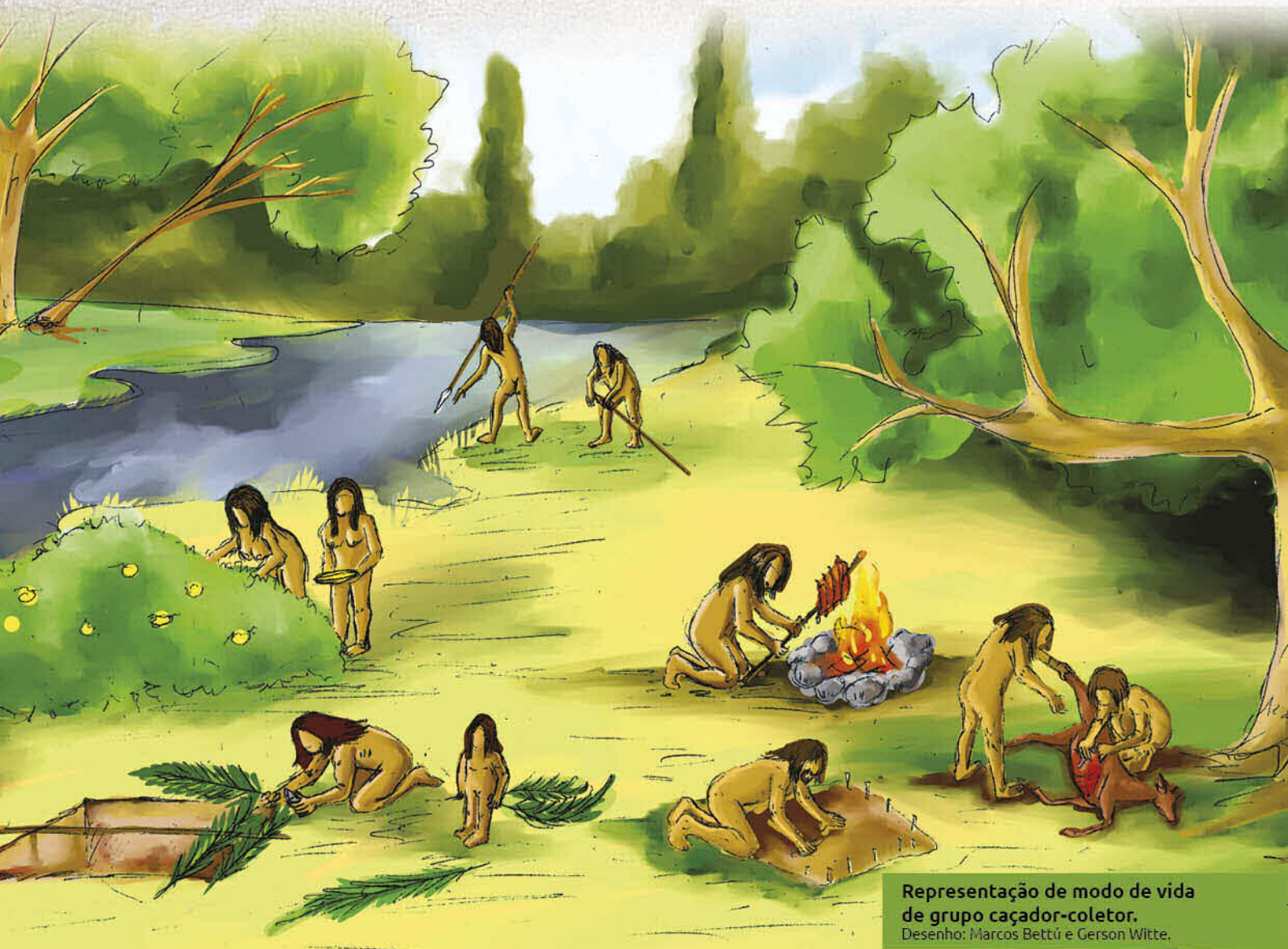


VOCÊ SABIA?

Para descobrir a idade dos objetos arqueológicos, os métodos mais utilizados são: datação relativa, que é a comparação de objetos do mesmo tipo em sítios arqueológicos diversos; pesquisa em rotas conhecidas de migração, comparando as diversas etapas do avanço de determinados povos; ou análise da posição das camadas de solo ou sedimentos em um mesmo sítio e entre diferentes sítios. Contudo, os métodos que conferem maior credibilidade à datação dos materiais encontrados são realizados em laboratórios através de testes químicos ou físicos que analisam a composição material das peças. São os métodos de datação absoluta, e o principal deles é o Carbono 14. Todo ser vivo possui uma pequena quantidade de carbono radioativo. Quando morre, o carbono vai diminuindo e essa redução pode ser medida. Os vestígios mais comuns para realização das datas com Carbono 14 são o carvão e ossos.

VAMOS PESQUISAR

Dos métodos que utilizam testes em laboratórios para datar os materiais arqueológicos, somente a tecnologia da Termoluminescência é disponível no Brasil. Realize uma pesquisa sobre o teste de Carbono 14 e a Termoluminescência; e discuta com a sua turma os resultados encontrados.



Representação de modo de vida de grupo caçador-coletor.
Desenho: Marcos Bettú e Gerson Witte.

Muitas pessoas imaginam os homens pré-históricos como “selvagens” ou “desprovidos de inteligência”. Contudo, essa visão não condiz com a realidade, pois é possível observar que eles tinham um amplo conhecimento do ambiente, ao qual se adaptaram de forma exitosa, reproduzindo sua sociedade com toda sua bagagem simbólica e tecnológica, mantendo relações sociais complexas com outros grupos humanos e desenvolvendo redes de intercâmbio, através das quais acessavam bens produzidos por outros grupos humanos que podiam viver em regiões muito distantes. Não se pode saber qual língua falavam e tampouco conhecer a maior parte de seus crenças, já que poucos vestígios sobreviveram à ação do tempo.

Mas sabe-se que os primeiros povoadores de nossa região desenvolveram hábitos culturais diferenciados de outros grupos sul-americanos e por este motivo foram integrados à chamada tradição Umbu. Uma tradição é criada quando os arqueólogos observam semelhanças na produção dos objetos e sua distribuição no tempo e no espaço.

A tradição Umbu é caracterizada principalmente pela presença de pontas de projétil com formas bastante variadas. Os grupos portadores dessa tradição viviam em bandos pouco numerosos, e seus vestígios são encontrados não somente no Oeste catarinense, mas em boa parte do Sul do Brasil, assim como em partes da Argentina. Adaptaram-se tanto aos ambientes de campos abertos como de florestas.

Lâmina do sítio ACH-LP7 localizado no município de Águas de Chapecó.
Acervo: Ceom/UnoChapecó.



Artefato de pedra lascada do sítio ACH-LP7, localizado no município de Águas de Chapecó.
Acervo: Ceom/UnoChapecó.

Artefato de pedra lascada do sítio ACH-LP7, localizado no município de Águas de Chapecó.
Acervo: Ceom/UnoChapecó.



A produção dos artefatos líticos

Produziam artefatos e utensílios utilizando pedras, ossos, madeiras, couros, fibras, etc. Os instrumentos confeccionados em pedra foram os que melhor se preservaram, possibilitando aos estudiosos entender certos aspectos de sua vida cotidiana.



Sequência de lascamento para produção de artefato lítico.

Desenho: Marcos Bettú, Joana Barros e Gerson Witte.



Artefato de pedra lascada do sítio ACH-LP7, localizado no município de Águas de Chapecó.
Acervo: Ceom/Unochapecó.

A tecnologia de processamento da pedra, por exemplo, mostra que era necessário dominar toda a sequência de produção, desde a escolha da matéria-prima até o acabamento do artefato, o que certamente requeria um longo treinamento, especialmente quando se desejava um instrumento mais complexo. Nos sítios arqueológicos onde viveram esses grupos, são encontrados vestígios do processo de produção, desde núcleos (blocos de rocha onde eram retiradas as lascas para produção dos artefatos); até lascas, resíduos e os instrumentos propriamente ditos: pontas de flecha, lâminas, raspadores, furadores, entre outros.



Ponta de lança, encontrada próximo ao rio Irani.
Acervo: Família Sivi.



Ponta de flecha, encontrada próximo ao rio Irani.
Acervo: Família Sivi.

Lâminas = categoria específica de lasca alongada (seu comprimento mede pelo menos duas vezes sua largura). Poderiam ter várias funções. Algumas eram utilizadas sem retoque. Quando ele existe é quase exclusivamente lateral, em um ou dois lados.



Lâmina sítio ACH-LP7, localizado no município de Águas de Chapecó.
Acervo: Ceom/Uno chapecó.

Raspadores = são artefatos com ângulos muito abruptos com cerca de 90°, com gumes robustos porque eram destinados a atividades que exigiam muita pressão. Os mais robustos normalmente eram empregados em trabalhos mais pesados, como preparação da madeira. Os menores e mais delicados normalmente eram usados para trabalhar com as peles.



Raspador sítio ACH-LP7, localizado no município de Águas de Chapecó.
Acervo: Ceom/Uno chapecó.

Quanto aos instrumentos líticos (do grego: *litos* = pedra) é importante pensar que nem sempre a forma determina a função. Por isso, os arqueólogos costumam fazer análise de microvestígios com auxílio de microscópios especializados – procedimento mais indicado para entender a função dos objetos confeccionados com pedra.

Agricultores ceramistas pré-coloniais

Os grupos indígenas da América deixaram uma importante contribuição para a humanidade com a domesticação de plantas que hoje são conhecidas em todo o mundo, como: milho, feijão, mandioca, abacate, abacaxi, abóbora, amendoim, batata, caju, mamão, maracujá, pimenta-vermelha, pupunha, tabaco, tomate, entre outros (NEVES, 2006).

A agricultura foi o resultado de milhares de anos de domesticação de plantas e aconteceu em diferentes partes do continente, como a América Central, a região andina e amazônica. Com a domesticação de plantas e animais, a oferta de alimentos à disposição das sociedades era maior, e conseqüentemente trouxe maior estabilidade e um aumento da população. As principais plantas domesticadas na região da Amazônia são: abacaxi, amendoim, mamão, mandioca e pupunha.

Associada à agricultura está a confecção de utensílios de cerâmica. No Brasil, o centro mais antigo de produção de cerâmica é a região amazônica, em sítios localizados atualmente no estado do Pará, cujo início data de 6.000 a 5.000 anos atrás. As populações agricultoras ceramistas possuíam uma economia mista, com base na caça, coleta, pesca e agricultura.

VOCÊ SABIA?

QUAL A DIFERENÇA ENTRE DOMESTICAÇÃO E AGRICULTURA?

Embora a domesticação e a agricultura estejam relacionadas, elas são processos distintos, como explica o arqueólogo Eduardo Neves:

A domesticação é o processo pelo qual as características genéticas de plantas selvagens são intencionalmente modificadas até o surgimento de novas espécies, em muitos casos dependentes de intervenções humanas para sua reprodução. Ou seja, algumas dessas plantas perdem a capacidade de se reproduzir naturalmente. A agricultura se refere ao estabelecimento de um modo de vida totalmente dependente do cultivo de plantas domesticadas. O processo de seleção intencional que leva à domesticação de uma planta é bastante longo, com duração de muitas décadas ou mesmo séculos. Assim, a agricultura não foi o invento de uma única pessoa ou povo, mas sim o resultado de um processo cumulativo (NEVES, 2006, p. 32-39).

COMO O CÃO SE TORNOU O MELHOR AMIGO DO HOMEM

Para entender melhor a domesticação, tomaremos como exemplo o cão que é um animal conhecido por todos. Uma pesquisa publicada em 2013 aponta que os cães modernos evoluíram dos lobos selvagens entre 18 e 32 mil anos na Europa. Os cães são os animais domesticados mais bem adaptados à convivência com os seres humanos, tanto que são conhecidos como os melhores amigos do homem. Os cientistas sugerem que essa afinidade comportamental acontece por causa da ancestral amizade entre as duas espécies.

Os lobos selvagens que carregavam genes mais dóceis que outros começaram a interagir com os antigos caçadores-coletores. Eles perceberam que a proximidade com os seres humanos traria algumas vantagens, como maior oferta de comida, já que poderiam consumir restos de alimentos, além de ter maior segurança, favorecendo a reprodução da espécie.

Foram necessárias gerações de lobos pré-domesticados para gerar um cão domesticado. Assim, depois de milhares de anos de convivência, os seres humanos foram selecionando os cães mais dóceis, surgindo espécies extremamente afeitas à vida doméstica. Embora o tema ainda gere debate entre os cientistas, especialmente sobre locais e datas, o fato é que os pesquisadores têm cada vez mais informações sobre como os lobos deixaram de ser inimigos e competidores do homem para se transformarem em parte da família.

Fonte: THALMANN, O. et al. Complete Mitochondrial Genomes of Ancient Canids Suggest a European Origin of Domestic Dogs. Science, n. 343. p. 871-874, 2014.



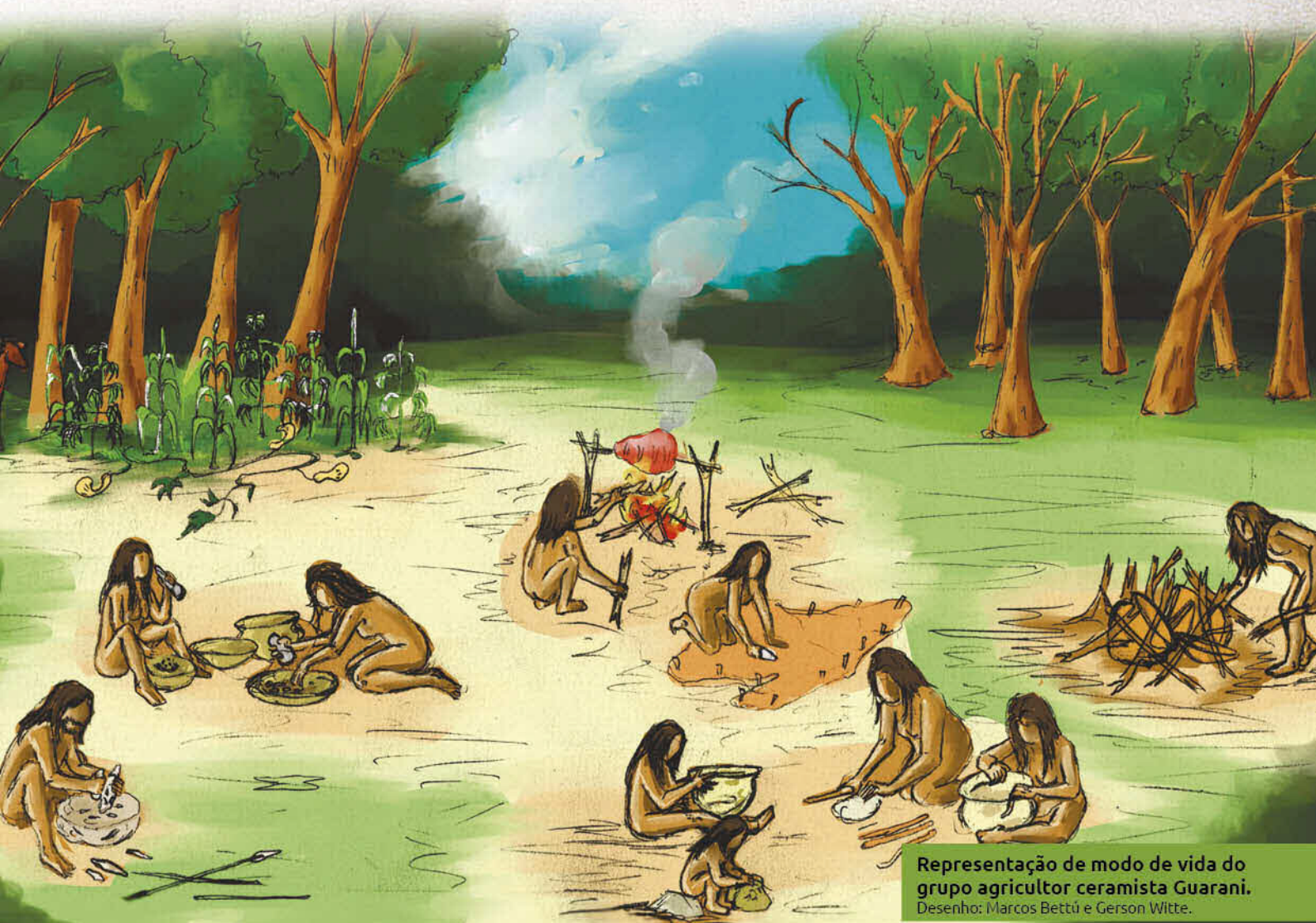
A adoção da agricultura possibilitou o aumento populacional. Na América do Sul, a consequência foi o desenvolvimento de ao menos quatro grandes famílias: arawak, tupi-guarani, carib e jê. Sua expansão demográfica está relacionada também com a ocupação de novas áreas que antes eram povoadas por antigos caçadores-coletores.

Por volta de 2.000 anos atrás, o Sul do Brasil começou a ser ocupado por grupos agricultores de duas famílias linguísticas diferentes, os Tupi-guarani da região amazônica e os Jê do Brasil central. No Oeste de Santa Catarina também são encontrados vestígios desses dois grupos, conhecidos como Guarani e Taquara-Itararé, identificados pelos arqueólogos de acordo com a tecnologia de fabricação e os tipos de objetos confeccionados.

Os arqueólogos ainda não têm informações precisas sobre o que aconteceu com os antigos povoadores que viviam da caça, coleta e pesca. Somente o avanço das pesquisas poderá trazer mais informações sobre essa questão.

Os Guarani

A família Tupi-Guarani está ligada ao tronco linguístico Tupi, que se originou na região amazônica por volta de 2.500 anos atrás. Quando os europeus chegaram ao Brasil no século XVI, esse grupo ocupava mais de 4.000 km no sentido norte-sul desde a bacia do rio Amazonas até o rio da Prata, e no sentido leste-oeste percorria outros 3.000 km do oceano Atlântico até os Andes.



Representação de modo de vida do grupo agricultor ceramista Guarani.
Desenho: Marcos Bettú e Gerson Witte.

A expansão da família Tupi-Guarani, que provavelmente partiu da Amazônia, deu-se em duas frentes: os Tupi pelo litoral brasileiro (do Maranhão até São Paulo) e os Guarani, pelos três estados do Sul, além do Paraguai e Argentina.

A partir de aproximadamente 2.000 anos atrás, começaram a se instalar no Sul do país, e conseqüentemente, no Oeste de Santa Catarina. Através dos vestígios materiais que deixaram, é possível observar de que maneiras exploravam o meio ambiente, além de suas práticas mortuárias e de produção de artefatos.

Estes grupos viviam em grandes aldeias, e uma das características mais marcantes é a produção em larga escala de utensílios de cerâmica. Eram confeccionados por meio da sobreposição de roletes de argila em espiral. Depois de pronto, o vaso era queimado, em geral em fogueiras. Os utensílios cerâmicos serviam para preparar e armazenar alimentos e bebidas, possuíam formas e tamanhos variados, eram geralmente grandes e com espessuras grossas. O acabamento de superfície podia ser somente alisado ou realizado por pressão e incisão, como o corrugado, ungulado, escovado. Era comum também a pintura, que podia ocorrer tanto na parte interna quanto na externa.

Além da cerâmica, confeccionavam também objetos líticos a partir do lascamento e do polimento da pedra, como: machados polidos, mão de pilão, lascas, batedores, raspadores, afiadores em canaleta, entre outros produzidos principalmente a partir de diferentes rochas, como: diabásio, arenito, basalto, quartzo, calcedônia. Nos sítios Guarani, também são encontrados muitos objetos que eram usados como adornos (enfeites), principalmente colares e tembetás.



Cerâmica Guarani lisa.
Acervo: Ceom/Unochapecó.



Afiador em canaleta, sítio Corpus/Argentina.
Acervo: Projeto ABAMS.



Machado polido.
Acervo: Ceom/Unochapecó.

VOCÊ SABIA?



Os tembetás são ornamentos para os lábios confeccionados em pedra, osso ou madeira polida, possuem formato cilíndrico e lembram um "T". Constituem-se em ornamentos masculinos, descritos no início do contato com os colonizadores, e utilizados até os dias de hoje em algumas sociedades indígenas.



Tembetá em osso polido.
Acervo: Museu de Itapiranga/SC.



Ponta de colar em osso polido.
Acervo: Museu de Mondaí/SC.

Representação de indígena com colar e tembetá.

Desenho: Maurício Mohr e Joana Barros.

O milho era um alimento muito importante na dieta Guarani. Além disso, cultivavam abóbora, mandioca e complementavam a alimentação com a caça, a pesca e a coleta de frutas, mel e outros recursos disponíveis no meio ambiente.

Outra característica dos Guarani pré-coloniais era o sepultamento em recipientes cerâmicos: a forma mais frequente de enterrar era a acomodação “do corpo com braços e pernas firmemente dobrados dentro de um vasilhame suficientemente grande e já imprestável para outras funções” (SCHMITZ, 2000). Outra maneira de sepultamento podia ser diretamente no solo, um dos poucos achados dessa natureza foi documentado por arqueólogos da Argentina (LOPONTE et al., 2010). No entanto, a falta desse registro aqui na região pode ser decorrência da destruição dos vestígios ósseos, ocasionada ou pela acidez do solo ou pela ação humana.

Sítios arqueológicos Guarani com sepultamentos em urna cerâmica foram registrados nos municípios catarinenses de Itapiranga, Caibi, Mondaí e Águas de Chapecó. Muito provavelmente estão em toda a extensão do “alto rio Uruguai”, sendo que boa parte já não existe mais, e muitos ainda não foram documentados. O único local onde houve um trabalho mais sistemático foi o sítio ACH-SU3-C2, localizado no município de Águas de Chapecó/SC. Neste sítio foram escavadas seis estruturas de sepultamento, com um total de oito indivíduos: duas crianças, três adolescentes ou adultos e três adultos. Os vestígios ósseos não eram inteiros, mas apenas partes de ossos e dentes, além de acompanhamentos funerários, como contas de colar, tembetás ou outros vasos. Quanto às vasilhas onde os corpos foram depositados, a maioria apresentava na parte externa o tratamento corrugado e, na parte interna, marcas de terem sido empregadas para outros fins antes de serem utilizadas para os rituais funerários. As datas do sítio ACH-SU3-C2 revelaram uma idade entre 540 a 490 anos AP (antes do presente) (CALDARELLI, 2010; MÜLLER; MENDONÇA DE SOUZA, 2011a).



Os vestígios Guarani estão distribuídos no Oeste catarinense em centenas de sítios arqueológicos, localizados principalmente às margens dos rio Uruguai e em partes de seus afluentes mais importantes, como o rio do Peixe, Chapecó e Peperi-Guaçú. São datados de aproximadamente 1.100 a 400 anos AP (antes do presente).

Representação de sepultamento Guarani em urna e de sepultamento Guarani primário diretamente no solo.
Desenho: Marcos Bettú, Gerson Witte e Joana Barros.

VOCÊ SABIA?



A doutora Carolina R. Duarte Maluche Baretta* explica que a acidez dos solos é um processo natural que ocorre por efeito de vários fatores, entre eles, a ação do clima e a maior ou menor suscetibilidade do material de origem. Na região Oeste catarinense os solos têm origem nas rochas vulcânicas – como o basalto, que surgiram na era Mesozóica – mais especificamente no período Jurássico – há aproximadamente 190 milhões de anos atrás. O período Jurássico caracterizou-se pelo clima árido, formando um extenso deserto, que recobriu grande parte dos estados do Sul do Brasil. A rocha basáltica que surgiu da ação vulcânica representa a principal formação rochosa do Oeste catarinense, constituída principalmente por minerais escuros facilmente degradáveis. As constantes variações no clima da região Oeste catarinense que aceleraram a degradação das rochas, ocasionaram a remoção dos elementos básicos de sua estrutura, facilitando assim sua acidificação. Desta maneira, os materiais que originam o solo, compostos por minerais facilmente degradáveis associados às condições climáticas altamente variáveis da região, causaram a formação ácida dos solos da região Oeste catarinense.

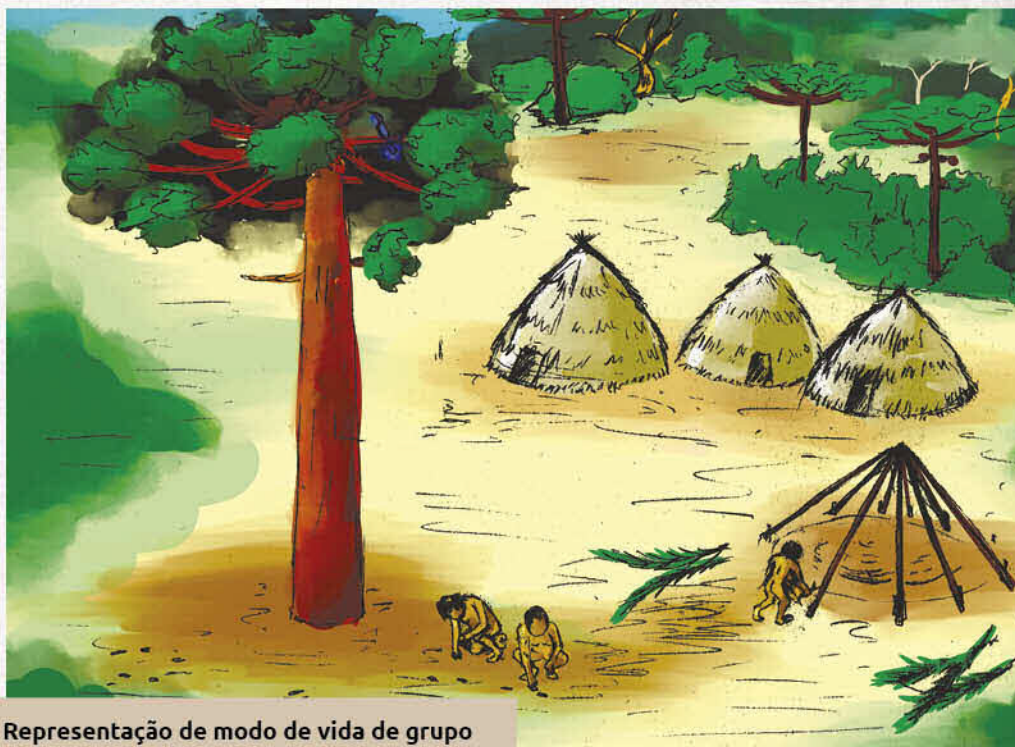
* Doutora em Agronomia e professora da Universidade Comunitária da Região de Chapecó e da Universidade do Estado de Santa Catarina.

Os grupos Itararé-Taquara

Nas terras altas do Sul do Brasil e da província de Misiones na Argentina, viviam grupos ceramistas denominados pelos arqueólogos como Itararé-Taquara. Estes grupos podem ser considerados como os antepassados das famílias Jê, representados pelos Kaingang e Xokleng, conhecidos historicamente e afiliados ao tronco linguístico Macro-Jê. Sua origem ocorreu no Brasil Central e de lá começaram a se deslocar a partir de 3.000 anos atrás. Sua expansão acompanha as áreas cobertas por *Araucaria angustifolia*, conhecida também como Pinheiro ou Pinheiro-do-Paraná.

Da mata com Pinheiros retiravam boa parte de sua subsistência, além de variados recursos provenientes das estações do ano, de outras plantas ou animais (mamíferos e aves). Também cultivavam algumas plantas que suportavam o frio, principalmente o milho.

Estes grupos construíam grandes buracos abertos no solo para proteção contra o vento gelado do inverno. Esse tipo de construção é popularmente conhecida no Sul do Brasil como “buraco de bugre”, mas para os arqueólogos são chamadas “estruturas ou casas subterrâneas”. Consistem numa depressão circular contendo de três a dez (eventualmente até vinte) metros de diâmetro e alguns metros de profundidade, na qual se localizavam as fogueiras. Tais estruturas eram rodeadas por um terreno aplanado de vários metros de largura, e o conjunto da depressão e do terreno aplanado poderia ser coberto por uma alta estrutura de troncos e palha que se prolongava até o chão. Não eram meros buracos, mas construções que exigiam conhecimento e ação coletiva (SCHMITZ, 2011).



Representação de modo de vida de grupo agricultor ceramista Itararé-Taquara.

Desenho: Marcos Bettú e Gerson Witte.

Estes grupos desenvolveram também uma complexa arquitetura funerária, conhecidas pelos arqueólogos como “estruturas anelares”. Estas estruturas marcam igualmente a paisagem dos terrenos altos. São montículos de terra relativamente grandes, circundados por um anel rebaixado. Variam em tamanho, desde algumas dezenas até mais de uma centena de metros de diâmetro, geralmente implantados no alto de colinas, cuja superfície foi intencionalmente aplanada (SCHMITZ, 2011). Nos montículos podem estar enterrados esqueletos humanos cremados. Estes locais podem ser considerados como espaços de ações coletiva, sociais e rituais da população local (MÜLLER; MENDONÇA DE SOUZA, 2011).

Os sítios com estruturas subterrâneas são mais numerosos no planalto catarinense e sul-riograndense, especialmente nos altos terrenos drenados pelos rios Canoas e Pelotas. No Oeste do estado de Santa Catarina são também conhecidas, porém menos estudadas. Um dos poucos exemplos vem do município de São Domingos, onde foi escavado o sítio QQ 22, que apresentou duas estruturas subterrâneas. Lá foi encontrado carvão e principalmente material cerâmico e lítico (CALDARELLI; HERBERTS, 2005).

Na área da Volta do Uvá – município de Itá/SC, foram registrados e escavados sítios a céu aberto com cerâmica Itararé-Taquara, mas até o momento não foram evidenciadas estruturas anelares ou subterrâneas. Em alguns destes locais, havia também ocupações com caçadores-coletores antigos e uma ocupação mais recente relacionada aos grupos Guarani. Os assentamentos Itararé-Taquara nessa área devem ter iniciado há 1.000 anos AP (antes do presente) e se estendido até aproximadamente 500 anos AP, período em que se nota um aumento de sítios Guarani. Os sítios arqueológicos ocupados pelos grupos Itararé-Taquara dessa área são marcados por densas camadas de terra preta, resultado de ocupações duradouras, fogueiras e muito material lítico, cerâmico e vestígios de fauna (GOULART, 1997; CARBONERA, 2014).



Mão de pilão.

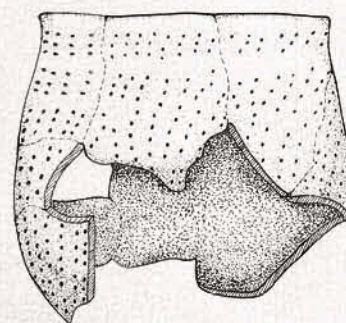
Acervo: Ceom/Unochapecó.



Quebra "coco" procedente do sítio Otto Aigner 2, Itá/SC.

Acervo: Ceom/Unochapecó.

A cerâmica dos grupos Itararé-Taquara também é um elemento característico dessa tradição arqueológica. Os recipientes de pequenas dimensões apresentam entre 5 e 20 cm de diâmetro, com paredes finas entre 3 e 9 mm de espessura e altura aproximada de 40 cm. Em geral, comportam menos de três litros, com coloração escura, e pouco tratamento de superfície. Os tratamentos aplicados na parte externa dos recipientes são denominados como ponteados, ungulados, beliscados (pinçados), impressos e alisados.



Cerâmica Itararé-Taquara com acabamento ponteados.

Acervo: Ceom/Unochapecó.



Cerâmica Itararé-Taquara com acabamento beliscado.

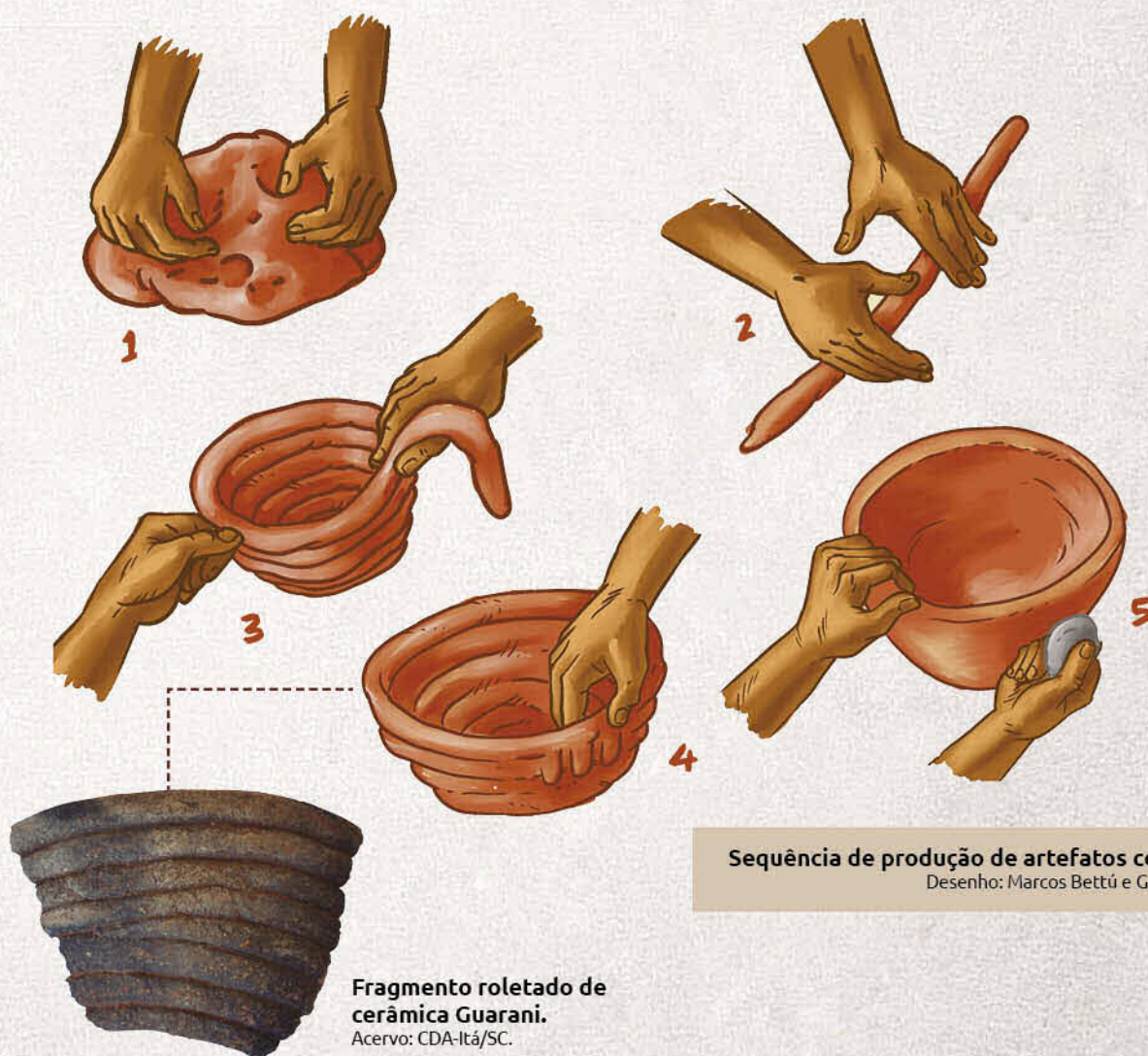
Acervo: CDA-Itá/SC.

O Oeste catarinense fez parte do ciclo de ocupações do planalto Meridional com populações da família Jê. No entanto, devido aos poucos sítios escavados nessa região, se comparado às áreas de altitudes maiores e mais bem pesquisadas – como os rios Canoas e Pelotas – é possível pensar que os grupos do Oeste sejam mais tardios, embora as datas nessa região oscilem entre 1.200 até 200 anos antes do presente. Assim, tornaram-se vizinhos das populações Guarani que ocupavam as terras florestadas nas proximidades do rio Uruguai (SCHMITZ; BEBER, 2011).

A cerâmica e os principais tipos de acabamento

Como vimos, os grupos Guarani e Itararé-Taquara confeccionavam recipientes cerâmicos. A produção desses artefatos envolvia uma sequência de atividades que iniciava com a coleta do barro, que precisava ser preparado com a retirada do material não desejado como raízes, folhas, grandes fragmentos líticos. Quando necessário, as propriedades da argila eram alteradas. No caso dos Guarani se observa o emprego do chamote, ou seja, a cerâmica quebrada era reutilizada, e os fragmentos triturados eram misturados à pasta.

Depois a argila era amassada e a fabricação ocorria a partir da união dos roletes. Quando a forma desejada estava pronta, a superfície era alisada. O alisamento servia para reparar as irregularidades e sobre ela podia ou não ser aplicado um acabamento plástico. Em seguida, a cerâmica era secada à sombra para eliminação de água. A queima era feita em fogueiras e por isso a temperatura máxima era de curta duração e alcançada muito rapidamente.



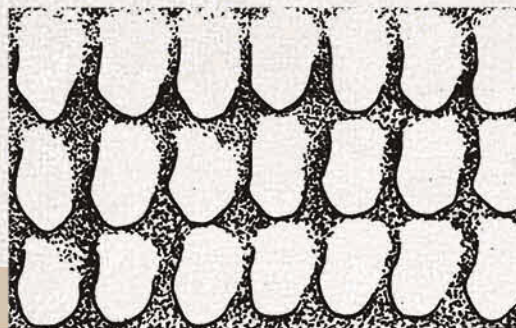
Sequência de produção de artefatos cerâmicos.
Desenho: Marcos Bettú e Gerson Witte.

O acabamento da superfície dos recipientes cerâmicos pode ser dividido em três grandes grupos: simples, quando a parede é somente aplanada, ficando lisa; plástico, quando a superfície da parede é modificada de forma tridimensional com a argila ainda moldável; e pintado: acabamento realizado antes ou depois da queima, podendo ocorrer tanto na face externa como interna (LA SALVIA; BROCHADO, 1989). Descrevemos brevemente os principais acabamentos:

Corrugado = é a ação lateral do dedo sobre a superfície cerâmica, pressionando uma parte da argila, por arraste, e formando uma crista de forma semicircular como resultado do acúmulo da argila arrastada.

Acabamento de cerâmica corrugado.

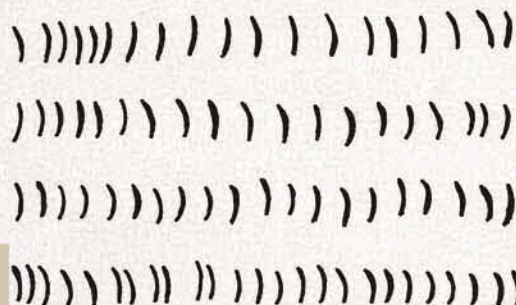
Desenho: Maurício Mohr.



Ungulado = ação frontal da unha ou de instrumentos diversos, como: taquara, gravetos de madeira, formando marcas agrupadas em diversas posições.

Acabamento de cerâmica ungulado.

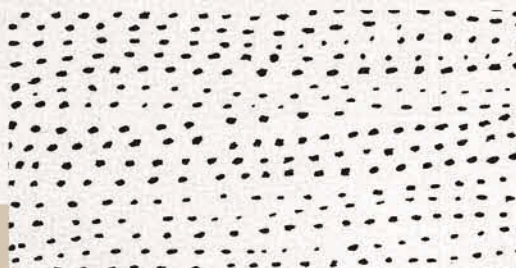
Desenho: Maurício Mohr.



Ponteadado = tem como princípio básico o ponto impresso sobre a superfície cerâmica, com várias formas e tamanhos.

Acabamento de cerâmica ponteadado.

Desenho: Maurício Mohr.



Beliscado ou pinçado = ação de dois dedos em forma de pinça que pressionam a superfície cerâmica.

Acabamento de cerâmica beliscado.

Desenho: Maurício Mohr.



Impresso = feito a partir de um instrumento pressionado sobre a superfície da argila. Poderiam ser cordas, sabugos de milho, entre outros.

Acabamento de cerâmica impresso.

Desenho: Maurício Mohr.



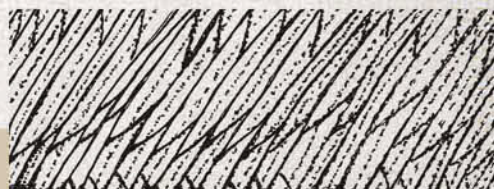
Inciso = corte feito com instrumento de ponta aguda ou não, que risque mais ou menos profundamente a superfície cerâmica por pressão ou arraste.

Acabamento de cerâmica inciso.
Desenho: Maurício Mohr.



Escovado = instrumento de múltiplas pontas que deixa sulcos visíveis, em geral paralelos e próximos.

Acabamento de cerâmica escovado.
Desenho: Maurício Mohr.



Pintado = tipo de acabamento aplicado antes ou depois da queima, com pigmentos minerais ou vegetais.

Acabamento de cerâmica pintado.
Desenho: Maurício Mohr.



Na cerâmica Guarani, são mais frequentes os tipo: liso, corrugado, ungulado, pintado e escovado, mas também ocorrem o inciso, o ponteadado e o beliscado. Já na cerâmica Itararé-Taquara, são mais comuns os acabamentos plásticos ungulado, ponteadado, impresso, beliscado e inciso. Nas duas culturas pode ocorrer a associação de um ou mais tipos de acabamento em uma mesma peça.

Sugestões de Leitura:

BERNARDO, Esteves. Os seixos da discórdia: arqueólogos não conseguem entrar em acordo sobre a ocupação da América. *Revista Piauí*, n. 88, janeiro 2014.

CARBONERA, Mirian. *A ocupação pré-colonial do alto rio Uruguai, SC: contatos culturais na Volta do Uvá*. 2014. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo.

CARBONERA, Mirian; SCHMITZ, Pedro Ignácio (Orgs.). *Antes do Oeste Catarinense: arqueologia dos povos indígenas*. Editora Argos, Chapecó, 2011.

COSTA, Silvano Silveira da. *Arqueologia no alto Uruguai: a Foz do Chapecó*. 2012. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo.

FUNARI, Pedro Paulo. *Arqueologia*. São Paulo: Contexto, 2003.

GUARINELLO, Norberto Luiz. *Os primeiros habitantes do Brasil*. São Paulo: Atual, 1994.

OLIVEIRA, Kelly. *Estudando a cerâmica pintada da tradição Tupiguarani: a coleção Itapiranga, SC*. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

A arqueologia e o estudo da cultura material

A arqueologia é a ciência que estuda o passado a partir dos vestígios materiais deixados pelas sociedades humanas ao longo do tempo. De acordo com o historiador e arqueólogo Pedro Paulo Funari (2003, p. 15), “a arqueologia é o estudo da cultura material que busca compreender as relações sociais e as transformações na sociedade”.

As sociedades humanas produzem cultura, que pode ser compreendida como a forma peculiar de cada povo viver, conviver e sobreviver. Também está relacionada à memória das coisas vividas e aprendidas, além do próprio ambiente natural que essas sociedades escolheram para viver.

O campo de estudo da arqueologia envolve um período bastante extenso, que vai desde o surgimento dos primeiros hominídeos no planeta terra, há cerca de 5 milhões de anos, até a história recente. Existem duas divisões básicas utilizadas nos estudos arqueológicos brasileiros: a arqueologia pré-histórica e a arqueologia histórica.

A arqueologia pré-histórica no Brasil trata dos vestígios deixados pelos habitantes em épocas anteriores à chegada dos portugueses (portanto, anteriores ao ano de 1500). Ex: casas subterrâneas, sambaquis, objetos confeccionados em pedra, cerâmica, gravuras e pinturas rupestres, entre outros. As pesquisas de arqueologia pré-histórica no Brasil abrangem datas entre aproximadamente 12.000 até 500 anos atrás.

Já a arqueologia histórica se refere às pesquisas realizadas em locais ocupados por indígenas, europeus, caboclos, africanos, após a chegada dos europeus no ano de 1.500. Ex: fortes, engenhos, quilombos, igrejas, cemitérios, casarios, reduções jesuítas, etc.

Os arqueólogos não se preocupam apenas com objetos materiais, mas também com o contexto em que eles foram produzidos e apropriados pelo homem, tais como os elementos da paisagem, os aspectos da flora (plantas) e da fauna (animais) que acompanham a cultura material escavada.

Os principais vestígios materiais encontrados nos sítios arqueológicos pré-históricos do Brasil são:

Objetos líticos: confeccionados em pedra, através de duas técnicas básicas: o “lascamento” e o “polimento”, apresentando formatos diversos, como pontas de flechas, machados, moedores, pilões, batedores, zoólitos (pedras esculpidas em formas de animais), etc.



Machado polido com formato semi-lunar, encontrado nas margens do rio Irani
Acervo: Família Sivi.



Artefato de pedra lascada tipo bumerangue.
Acervo: Ceom/Unochapecó.

Objetos cerâmicos: confeccionados a partir da modelagem da argila, utilizados para funções cotidianas, como armazenar e cozinhar alimentos e líquidos / bebidas, além de rituais e celebrações. Possuem tamanhos e técnicas de confecção diferenciados, de acordo com o grupo que o fabricou.



Cachimbo de cerâmica.
Acervo: Museu de Itapiranga.



Cerâmica Itararé-Taquara com acabamento unglado.
Acervo: Ceom/Unochapecó.



Cerâmica Guarani corrugada.
Acervo: Ceom/Unochapecó.



Cerâmica Guarani pintada.
Acervo: CDA-Itá/SC.

Vestígios ósseos: desde instrumentos e adornos, como também restos de ossos provenientes de sepultamentos e do consumo de animais.



Anzol confeccionado em osso, escavado no sítio Gruta Três de Mayo, Misiones/Argentina.
Imagem: Projeto ABAMS.



Instrumento confeccionado em osso, escavado no sítio Gruta Três de Mayo, Misiones/Argentina.
Imagem: Projeto ABAMS.

O sítio arqueológico

É o local onde são encontrados os vestígios produzidos pelos grupos humanos no passado. Através dos objetos encontrados, é possível investigar o comportamento destas sociedades ao longo do tempo. Um sítio pode ter sido no passado um lugar onde moravam pessoas, como uma cabana de palha e madeira, uma caverna ou um monte artificial. Mas pode ter sido também um cemitério ou um depósito de lixo, um lugar ocupado por pouco tempo para realizar uma caçada, por exemplo, ou para se pintar uma parede. Um mesmo sítio, além disso, pode ter sido ocupado várias vezes por povos diferentes e com culturas distintas (GUARINELLO, 1994).

É importante ressaltar ainda que para uma melhor compreensão da função de um sítio arqueológico e de suas diferentes áreas de atividades, torna-se necessário avaliar seu entorno ambiental e cultural. Por isso, as pesquisas são realizadas de forma interdisciplinar.

O trabalho do arqueólogo

Arqueólogo é o profissional qualificado para estudar o patrimônio arqueológico, através de pesquisas em campo e laboratório. É um pesquisador que atua como um detetive, buscando descobrir pistas sobre onde e como viviam os povos do passado, a fim de reconstituir aspectos da história das antigas sociedades. De maneira sucinta, o trabalho do arqueólogo se divide em dois momentos:

- **As atividades de campo:** registro e identificação dos sítios, escavação nos locais onde são encontrados os sítios arqueológicos.
- **A pesquisa em laboratório:** higienização, acondicionamento, catalogação e análise dos materiais encontrados nos sítios arqueológicos escavados.

Na realização destas atividades, estes profissionais utilizam alguns métodos de pesquisa, procurando responder perguntas como: Quem eram? Em que época viveram? Onde viviam? Como viviam? Do que se alimentavam? Como produziam seus instrumentos? Como se organizavam? Em que acreditavam e como pensavam? Para a execução destas etapas de pesquisa, o arqueólogo necessita de autorização prévia do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, que é o órgão federal responsável pela preservação do patrimônio histórico e cultural no Brasil.



Passo a passo da pesquisa arqueológica



1. Primeiramente os arqueólogos estudam e pesquisam documentos, mapas, fotografias e referências bibliográficas para terem mais informações da área que desejam estudar. Com isso é elaborado um projeto, que é encaminhado ao Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional-IPHAN, solicitando permissão para pesquisa.

Análise de mapas para localização de sítios.

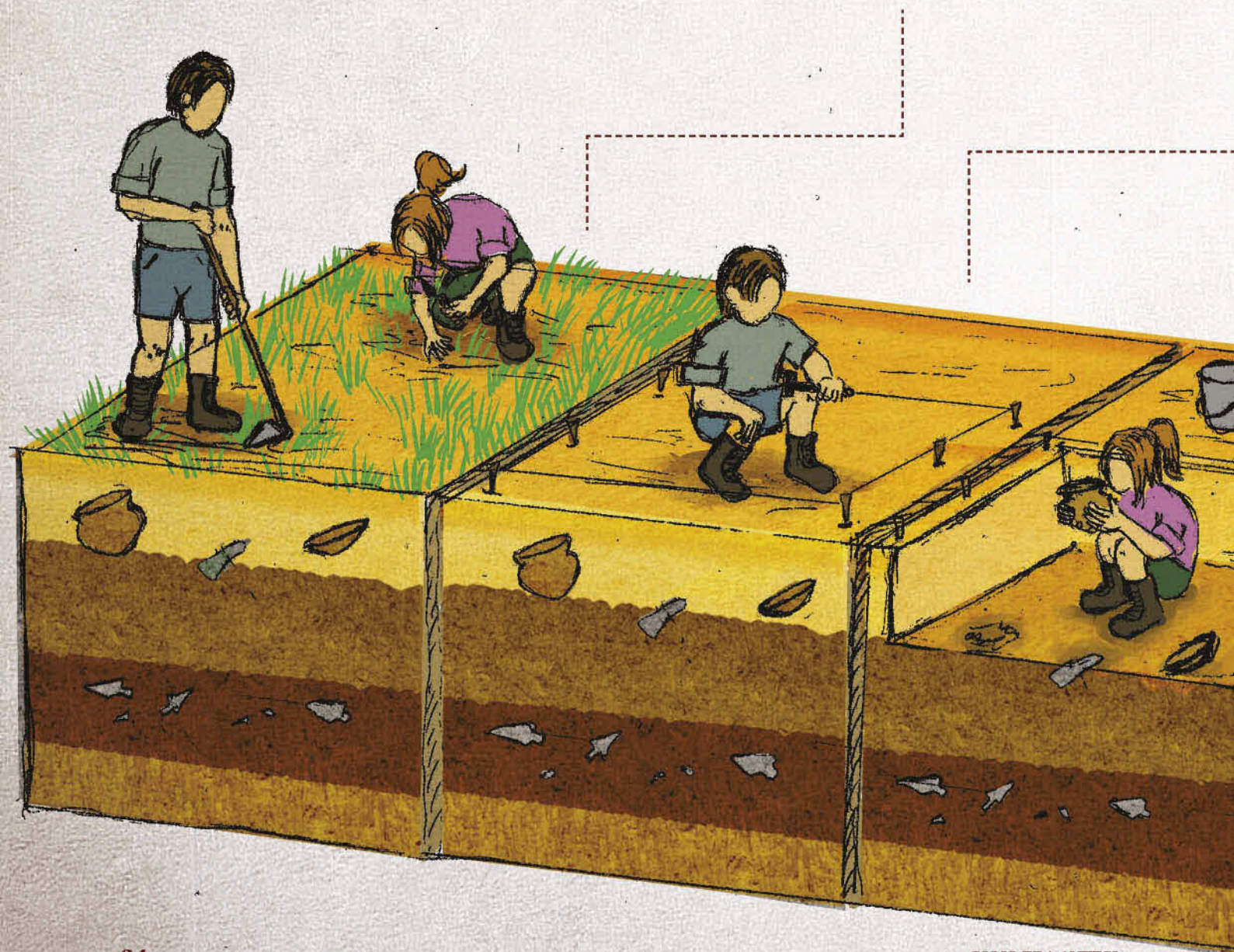
Acervo: Ceom/Unochapecó.

2. Em seguida, os arqueólogos realizam o levantamento, ou seja, a localização dos sítios arqueológicos da área. Para isso, são feitas caminhadas observando atentamente o solo, e se os vestígios não aparecem em superfície são realizadas sondagens no subsolo. Os moradores locais também contribuem com informações que auxiliam na localização dos sítios arqueológicos.



Localização de sítio arqueológico.

Acervo: Ceom/Unochapecó.





3. A partir dos resultados obtidos durante o levantamento, o arqueólogo define qual área será escavada. Esses locais são escolhidos a partir do seu potencial arqueológico e de acordo com os objetivos da pesquisa. Com a escavação, são retiradas finas camadas de solo para encontrar os vestígios das antigas populações. Em geral, o solo é peneirado para que não se percam pequenos vestígios, e o trabalho todo é documentado em cadernos de campo, desenhos, filmagens e fotografias.

Escavação arqueológica do sítio Otto Aigner 2, em Itá/SC.
Acervo: Projeto ABAMS.

4. Os objetos coletados nos sítios arqueológicos são higienizados, catalogados, identificados e analisados em laboratório. Posteriormente, esses vestígios e objetos são salvaguardados em museus da região e/ou lugares apropriados para abrigá-los.



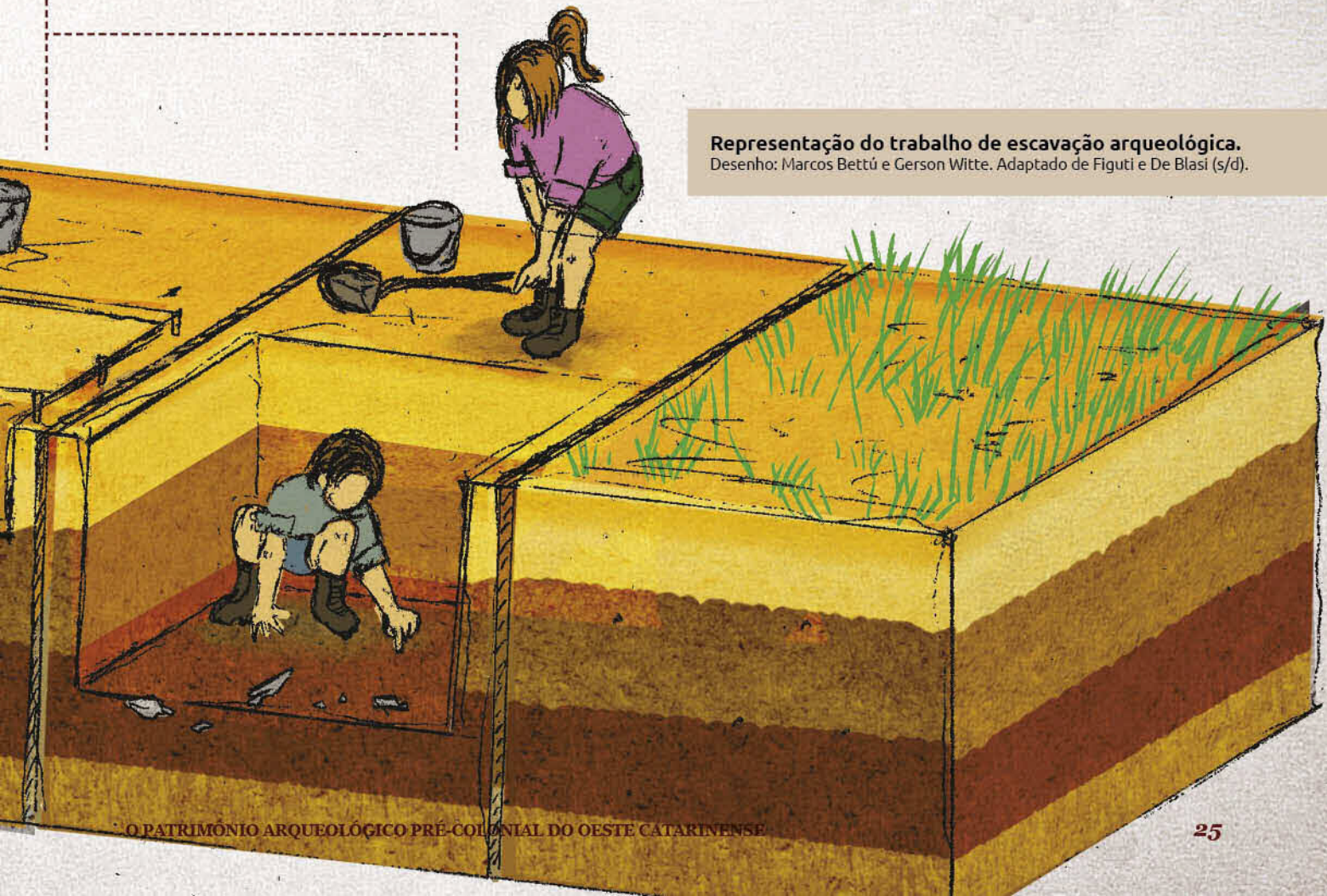
Análise de material cerâmico.
Acervo: Ceom/Unochapecó.



5. Por fim, cabe aos arqueólogos e às instituições de pesquisa divulgar as descobertas e os achados arqueológicos, por meio de palestras, exposições, ações de educação patrimonial, artigos publicados em jornais e revistas. Também é entregue um relatório ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional-IPHAN com todas as informações levantadas.

Atividade educativa de difusão das pesquisas arqueológicas.
Acervo: Ceom/Unochapecó.

Representação do trabalho de escavação arqueológica.
Desenho: Marcos Bettú e Gerson Witte. Adaptado de Figuti e De Blasi (s/d).



VOCÊ SABIA?



No Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina – CEOM/Unochapecó é possível conhecer para além da exposição “Como era antes? O patrimônio arqueológico pré-colonial do Oeste catarinense”, as coleções arqueológicas salvaguardadas, bem como uma extensa bibliografia sobre o tema.

O CEOM também mantém atualmente dois grandes projetos de pesquisa de longa duração sobre o passado pré-colonial do Oeste catarinense. O primeiro projeto denominado “Arqueologia da Floresta Atlântica Meridional Sul Americana-ABAMS”, desenvolvido a partir de convênio binacional entre o CEOM/Unochapecó e o Ministério da Cultura da Argentina, visa estudar sítios na província de Misiones como no alto rio Uruguai. O segundo projeto nominado “Primeiros povoamentos do alto rio Uruguai-POPURU” é realizado em parceria entre CEOM/Unochapecó e o Museu de História Natural de Paris, com apoio financeiro do Ministério das Relações Exteriores da França, para estudar sítios de antigos caçadores-coletores do alto rio Uruguai e seus sistemas técnicos.

Nas imagens a seguir pode-se visualizar um pouco mais do trabalho de campo realizado pelos arqueólogos a partir dos projetos mencionados.



Escavação sítio Otto Aigner 2, município de Itá/SC.

Acervo: Ceom/Unochapecó.



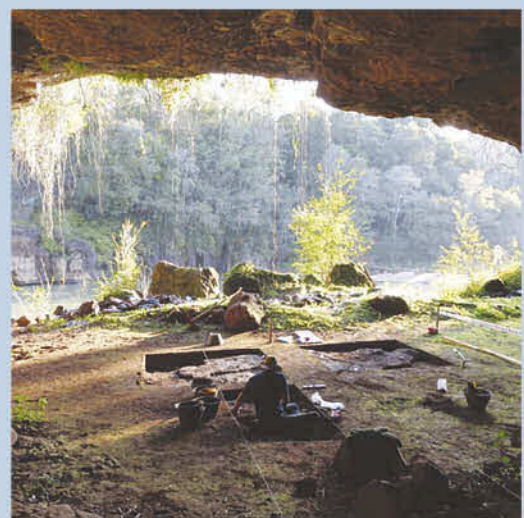
Escavação sítio ACH-LP7, município de Águas de Chapecó/SC.

Acervo: Projeto POPURU.



Escavação sítio Corpus, município de Corpus, Misiones/Argentina.

Acervo: Projeto ABAMS.



Escavação sítio Gruta 3 de Maio, município de Garupapé, Misiones/Argentina.

Acervo: Projeto ABAMS.

O patrimônio cultural e a sua preservação

Patrimônio cultural é o conjunto dos bens culturais produzidos pelas comunidades humanas ao longo do tempo, em diversos espaços. Todas as ações humanas consideradas como referências de memória e identidade para um determinado grupo social, sejam de aspecto material ou imaterial, podem ser consideradas como bens culturais.

Podemos dizer que o patrimônio material é formado pelos bens móveis e imóveis, que compõem o que chamamos de cultura material. Como exemplos de bens móveis, citamos as coleções artísticas, mobiliárias e bibliográficas, além de objetos em geral, como os arqueológicos e outros utensílios do cotidiano. São exemplos de bens imóveis os sítios arqueológicos, as paisagens naturais e as construções arquitetônicas em geral.



Vista do rio Uruguai, patrimônio paisagístico.
Imagem: CEOM/Unochapecó



Casa Histórica da Família Bertaso - atual Museu da Colonização de Chapecó, patrimônio arquitetônico.
Fonte: www.winstonphoto.com.br

Já o patrimônio imaterial é o conjunto das manifestações populares das diversas sociedades, constituídas por conhecimentos e práticas relativos aos modos de fazer, viver e se comunicar de cada grupo, como as festividades, as manifestações artísticas, os espaços culturais e os seus saberes tradicionais (Decreto n. 3.551, 4 de agosto de 2000).



Culinária, patrimônio imaterial.
Acervo: CEOM/Unochapecó



Religiosidade, patrimônio imaterial.
Acervo: CEOM/Unochapecó

A importância de preservar o patrimônio arqueológico

O patrimônio arqueológico é formado pelos vestígios deixados pelos grupos humanos do passado. Podem ser móveis e imóveis, como os restos de suas casas, de sua alimentação, os seus instrumentos de trabalho, armas, enfeites, pinturas, etc. Em resumo, todas as produções materiais, ou os bens culturais materiais deixados nos locais onde viveram e trabalharam as comunidades no passado, são considerados como patrimônio arqueológico.

Os bens de natureza arqueológica são considerados patrimônio da Nação, conforme a Constituição Federal do Brasil de 1988, protegidos e definidos pela Lei Federal 3.924 de 1961. São testemunhos da herança cultural que nossos ancestrais deixaram, como legados materiais de seus modos de fazer e de viver nos espaços que habitavam.

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN é o órgão do Governo Federal encarregado de gerenciar e proteger este patrimônio além de garantir que a legislação seja cumprida.

Sendo definido e protegido pela Constituição Federal de 1988 (Artigos 20, 23 e 216), o patrimônio cultural, no qual se inclui o patrimônio arqueológico, conta ainda em seu favor com dois conjuntos de leis: um mais antigo – que trata especificamente do patrimônio cultural, e outro mais recente – tratando sobre a proteção ambiental, mas que apresenta várias referências ao patrimônio arqueológico.

VAMOS PESQUISAR

No Brasil, há um conjunto variado de leis que foram criadas para garantir a preservação do patrimônio cultural nacional. Realize uma pesquisa na internet sobre as leis de proteção patrimonial existentes em nosso país. Discuta com o grupo sobre a aplicação e o cumprimento destas leis por parte dos órgãos públicos e da população em geral.



SEJA UM DEFENSOR DO NOSSO PATRIMÔNIO

Preservar os bens formadores de nossa identidade é um dever de todos nós. Por isso, ao encontrar um sítio arqueológico ou reconhecer objetos como instrumentos de pedra (pontas de lança, machadinhas) ou fragmentos de cerâmica (cacos de panelas de barro), procure:

- *Não mexer, cavar ou revirar a terra, nem retirar os objetos do local onde forem encontrados, pois a posição em que se encontram é importantíssima para as pesquisas. Por isso, é essencial deixar tudo no local onde foi encontrado.*
- *Avisar o Instituto do Patrimônio Artístico e Nacional – IPHAN ou o Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina – CEOM/ UNOCHAPECÓ ou o museu mais próximo de sua residência.*

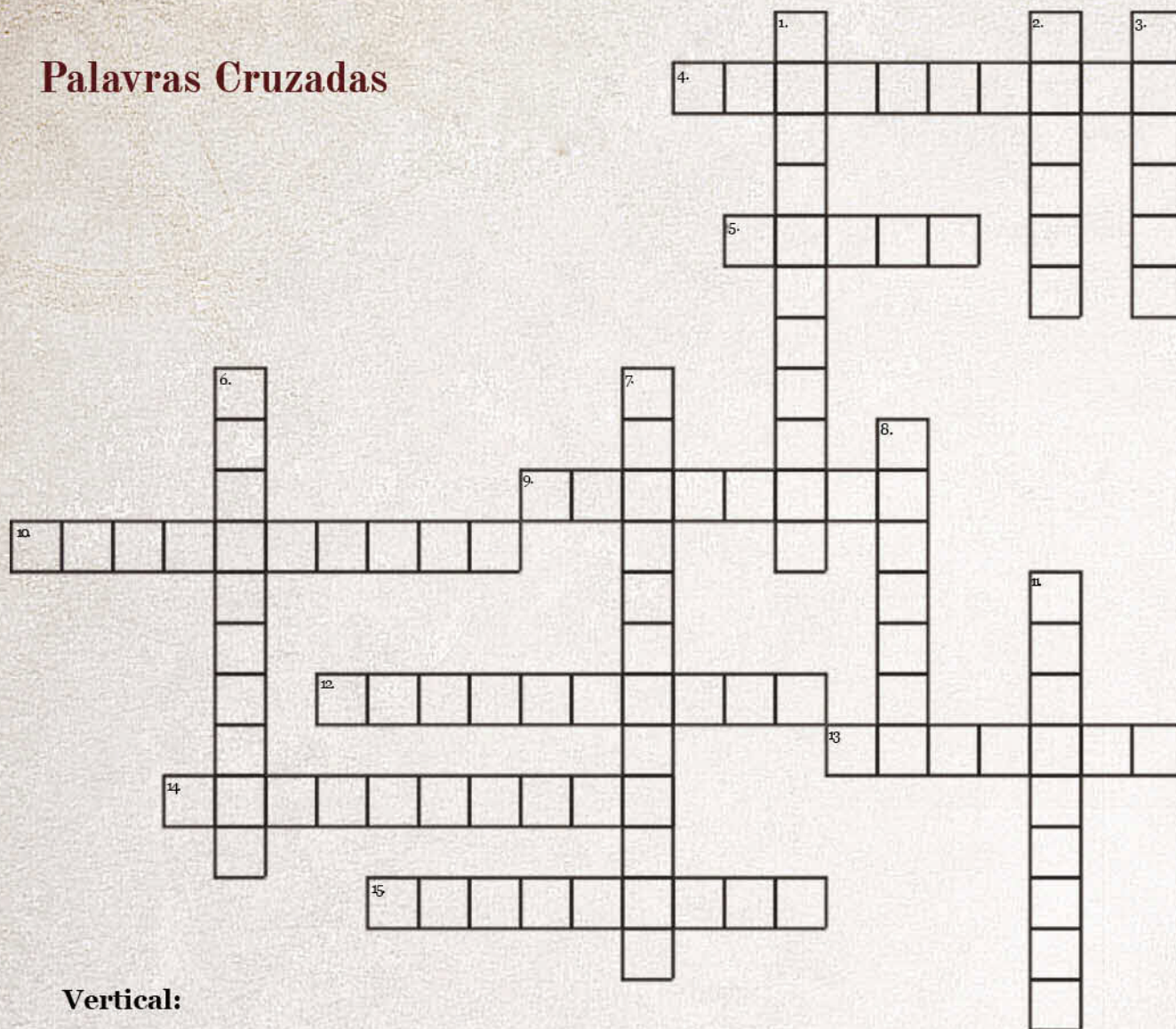


Referências

- BERNARDO, Esteves. Os seis da discórdia: arqueólogos não conseguem entrar em acordo sobre a ocupação da América. *Revista Piauí*, n. 88, janeiro 2014.
- CALDARELLI, Solange Bezerra; HERBERTS, Ana Lúcia. A contribuição das pesquisas no AHE Quebra-Queixo à problemática dos assentamentos em casas subterrâneas no extremo-oeste catarinense e à arqueologia Kaingang. In: MILDER, Saul Eduardo Seiguer (Org.). *Casas subterrâneas: Anais do I Colóquio sobre sítios construídos*. Santa Maria: Pallotti, 2005. p. 85-128.
- CALDARELLI, Solange Bezerra (Org.). *Arqueologia preventiva na UHE Foz do Chapecó, SC/RS: Relatório Final*. Florianópolis, Scientia Consultoria Científica, 2010.
- CARBONERA, Mirian. *A ocupação pré-colonial do alto rio Uruguai, SC: contatos culturais na Volta do Uvã*. 2014. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- COSTA, Silvano Silveira da. *Arqueologia no alto Uruguai: a Foz do Chapecó*. São Leopoldo, 2012. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos.
- FUNARI, Pedro Paulo. *Arqueologia*. São Paulo: Contexto, 2003.
- GUARINELLO, Norberto Luiz. *Os primeiros habitantes do Brasil*. São Paulo: Atual, 1994.
- HERBERTS, Ana Lúcia; COMERLATO, Fabiana. *Patrimônio Arqueológico: para conhecer e conservar*. Florianópolis: Eletrosul, 2003.
- LA SALVIA, Fernando; BROCHADO, José P. *Cerâmica Guarani*. 2. ed. Porto Alegre: Posenato e Cultura, 1989.
- LOPONTE, Daniel Marcelo; ACOSTA, Alejandro; CAPPARELLI, Isabel; PÉREZ, Maricel. La arqueología guaraní en el extremo meridional de la cuenca del Plata. In: LOPONTE, Daniel Marcelo; ACOSTA, Alejandro (Eds.). *Arqueología Tupiguaraní*. Buenos Aires: Instituto Nacional de Antropología y Pensamiento Latinoamericano, 2011. p.111-154.
- MÜLLER, Leticia Morgana; SOUZA, Sheila Mendonça de. Enterramentos Guarani: problematização e novos achados. In: CARBONERA, Mirian; SCHMITZ, Pedro Ignácio (Orgs.). *Antes do Oeste Catarinense: arqueologia dos povos indígenas*. Chapecó: Editora Argos, 2011a. p. 167-218.
- MÜLLER, Leticia Morgana; SOUZA, Sheila Mendonça de. Cremações e sepultamentos: as estruturas anelares do planalto. In: CARBONERA, Mirian; SCHMITZ, Pedro Ignácio (Orgs.). *Antes do Oeste Catarinense: arqueologia dos povos indígenas*. Chapecó: Editora Argos, 2011b. p. 269-306.
- NEVES, Eduardo Góes. *Arqueologia da Amazônia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.
- PROUS, André. Os artefatos líticos, elementos descritivos e classificatórios. *Arquivos do Museu de História Natural*, volume XI. Belo Horizonte: UFMG, p. 1-91, 1986/1990.
- ROHR, João Alfredo. A pesquisa arqueológica no Estado de Santa Catarina. *Dédalo*, n.17/18. São Paulo: USP, p. 49-65, 1973.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio. O Guarani. História e pré-história. In: TENÓRIO, Maria C. (Org.). *Pré-história da Terra Brasilis*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2000. p. 285-292.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio. A ocupação indígena do oeste catarinense. In: CARBONERA, Mirian; SCHMITZ, Pedro Ignácio (Orgs.). *Antes do oeste catarinense: arqueologia dos povos indígenas*. Chapecó: Argos, 2011.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio; BEBER, Marcus Vinícius. Em busca dos antepassados dos índios Kaingang. CARBONERA, Mirian; SCHMITZ, Pedro Ignácio (Orgs.). *Antes do Oeste Catarinense: arqueologia dos povos indígenas*. Editora Argos, Chapecó, 2011. p. 243-268.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio. *As casas subterrâneas de São José do Cerrito*. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 2014.
- SOUZA, Alfredo Mendonça de. *Dicionário de Arqueologia*. [s/local]: Adesa, 1997.
- THALMANN, O. et al. Complete Mitochondrial Genomes of Ancient Canids Suggest a European Origin of Domestic Dogs. *Science*, n. 343. p. 871-874, 2014.

SUGESTÕES DE ATIVIDADES

Palavras Cruzadas



Vertical:

1. Ciência que estuda o passado a partir dos vestígios materiais deixados pelas sociedades humanas.
2. Objeto pessoal confeccionado a partir de ossos ou pedras.
3. Matéria prima utilizada para confeccionar os objetos de cerâmica.
6. Povos que possuíam a habilidade de moldar a argila.
7. Povos que desenvolveram a habilidade da agricultura.
8. Objeto de cerâmica utilizado para armazenar água e cozinhar alimentos.
11. Povos que sobreviviam da caça de animais e da coleta de alimentos.

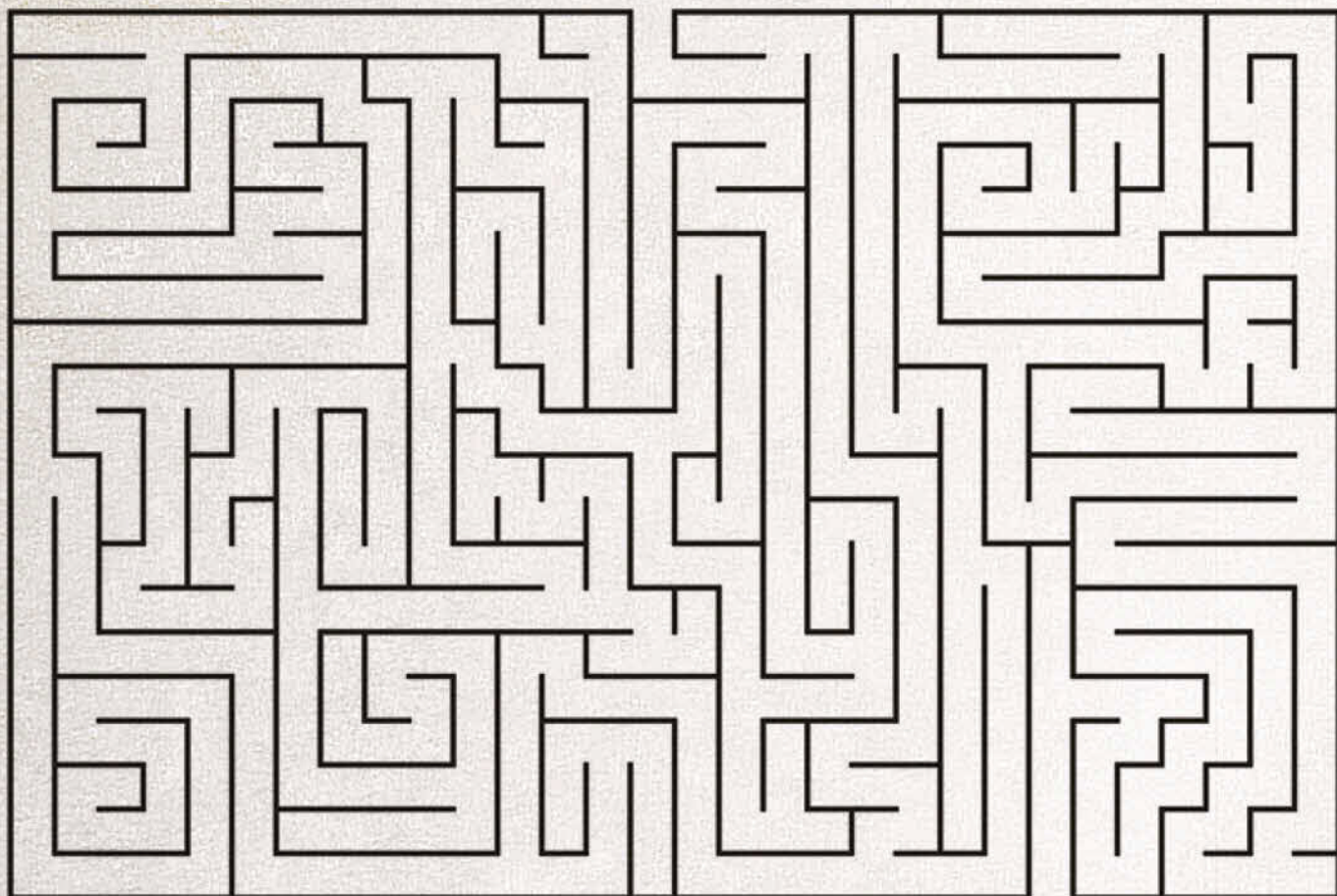
Horizontal:

4. Objeto confeccionado em pedra lascada, utilizado para realizar perfurações.
5. Matéria prima utilizada para confeccionar os objetos líticos.
9. Objeto arqueológico produzido a partir do molde da argila.
10. Técnica utilizada para confeccionar objetos líticos lascados.
12. Profissional que estuda o patrimônio arqueológico através de pesquisas em campo e em laboratório.
13. Objeto confeccionado em pedra polida, utilizado para o corte de árvores.
14. Conjunto dos bens culturais produzidos pelas comunidades humanas ao longo do tempo.
15. Técnica utilizada para confeccionar objetos líticos polidos.

Resultado:

1. ARQUEOLOGIA
2. ADORNO
3. ARGILA
4. PERFURADOR
5. PEDRA
6. CERAMISTAS
7. AGRICULTORES
8. VASILHA
9. CERÂMICA
10. LASCAMENTO
11. CAÇADORES
12. ARQUEOLOGO
13. MACHADO
14. PATRIMÔNIO
15. POLIMENTO

Ajude o arqueólogo a encontrar sua equipe para começar a escavação!



Discuta com seus colegas e descreva a utilidade de cada objeto confeccionado pelos povos pré-coloniais

Lâmina de machado polido:

Ponta de flecha:

Vasilha de cerâmica:

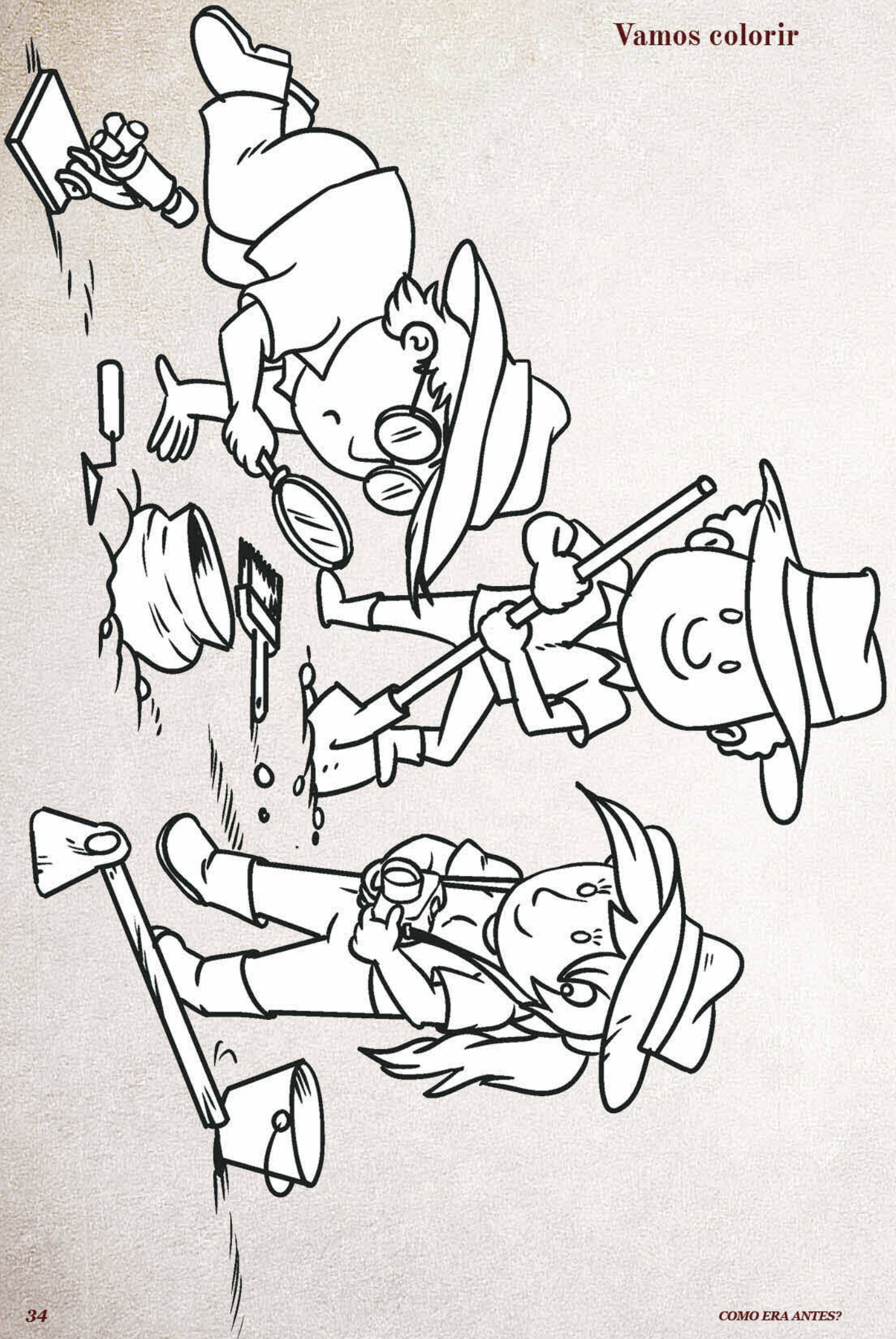
Lâmina de corte:

Raspador:

Pilão:

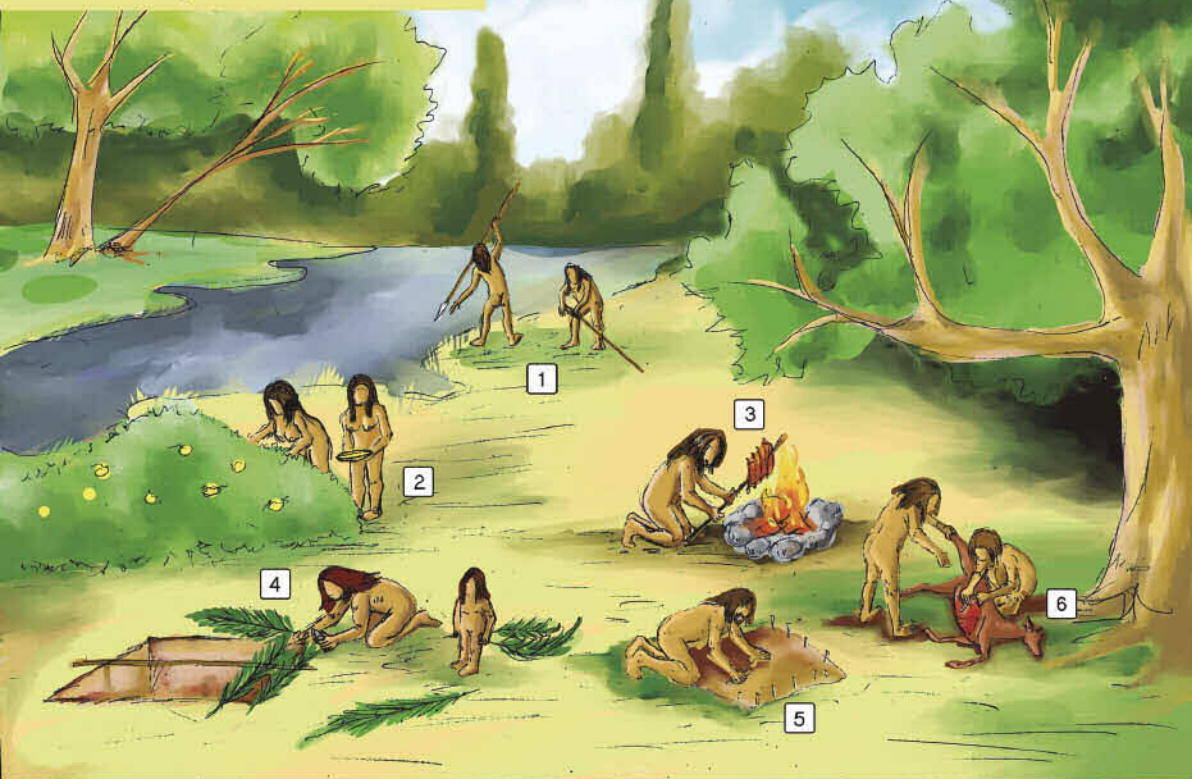
Adorno:

Vamos colorir



Numere as colunas de acordo com atividades realizadas.

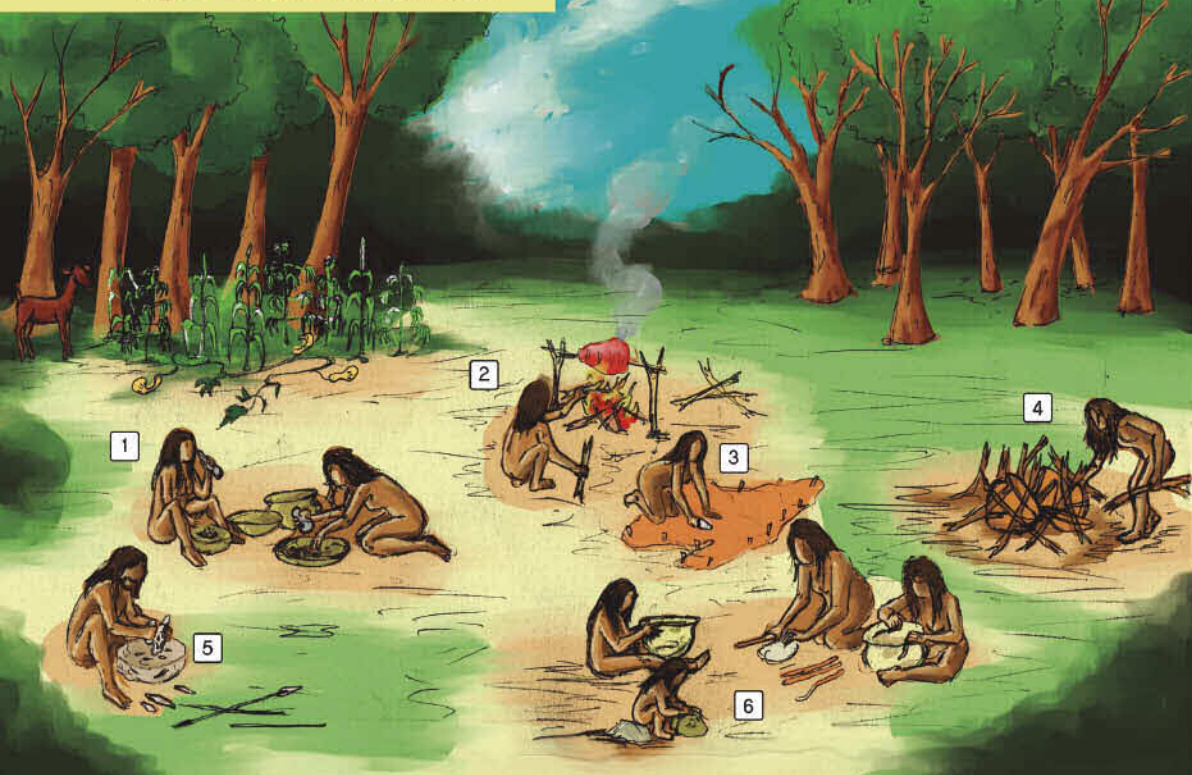
Caçadores Coletores



- Limpeza da pele de animal caçado
- Cozimento de carne de animal caçado
- Preparo de armadilha para caça de animais
- Coleta de frutos
- Limpeza e preparo da carne de animal caçado
- Pesca com lanças

Resultado de cima para baixo: 5-3-4-2-6-1.

Agricultores Ceramistas



- Limpeza da pele de animal caçado.
- Trituração de grãos.
- Preparo do fogo para queima da cerâmica.
- Confeção de objeto lítico lascado.
- Cozimento de carne de animal caçado.
- Produção de vasilhas cerâmicas.

Resultado de cima para baixo: 3-1-4-5-2-6.

APOIO:

Ministério da
Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA

ibram
instituto brasileiro de museus

REALIZAÇÃO:


FUNDEST
FUNDAÇÃO
UNIVERSITÁRIA DO
DESENVOLVIMENTO
DO OESTE


UNOCHAPECÓ
UNIVERSIDADE COMUNITÁRIA DA REGIÃO DE CHAPECÓ

CEOM
CENTRO DE MEMÓRIA DO OESTE DE SANTA CATARINA

ISBN 978-85-63305-52-7



9 788563 305527